



O QUIMONO PRETO: IMAGINÁRIO DE UMA HEROÍNA OLÍMPICA BRASILEIRA

Resumo - A conquista das mulheres pelo direito de vivenciar o esporte em todas as nuances, se deu pelo resultado de lutas que em muitos casos foram circunscritas à trajetória de vida das atletas em ações solitárias de pioneirismo e protagonismo. Tendo esse panorama em vista, este artigo tem como objetivo narrar as ações de pioneirismo e protagonismo na jornada da judoca olímpica Soraia André. O instrumento de apresentação desta jornada é o conto biográfico O Quimono Preto – heurística metodológica que ilumina imagens literárias inspiradas na apreensão da narrativa autobiográfica da atleta. O conto biográfico apresentado no corpo deste trabalho, ilumina o imaginário constituído em torno de uma judoca brasileira, negra, que desafiou e transgrediu os paradigmas hegemônicos presentes na modalidade, configurando e potencializando o processo de luta pela participação e representação da mulher no campo esportivo. A roteirização em prosa poética aproxima, ainda, a trajetória de vida da judoca olímpica ao imaginário da jornada do mito do herói.

Palavras-chave: judô; contos biográficos; Soraia André; heróis olímpicos; imaginário.

THE BLACK KIMONO: IMAGINARY OF A BRAZILIAN OLYMPIC HEROINE

Abstract – The conquest of women for the right to experience the sport in all its nuances, was due to the result of struggles that in many cases were circumscribed to the life trajectory of athletes in solitary pioneering and protagonist actions. With this panorama in view, this article aims to narrate the pioneering and leading actions in the journey of the Olympic judoka Soraia André. The instrument for presenting this journey is the biographical tale The Black Kimono - methodological heuristics that illuminates literary images inspired by the apprehension of the athlete's autobiographical narrative. The biographical tale presented in the body of this work, illuminates the imaginary constituted around a Brazilian black judoka, who challenged and transgressed the hegemonic paradigms present in the sport, configuring and enhancing the process of struggle for the participation and representation of women in the sports field. Poetic prose scripting also brings the Olympic judoka's life trajectory closer to the imaginary of the hero's myth journey.

Keywords: judo; biographical tales; Soraia André; Olympic heroes; imaginary.

EL KIMONO NEGRO: IMAGINARIO DE UNA HEROÍNA OLÍMPICA BRASILEÑA

Resumen - La conquista de la mujer por el derecho a vivir el deporte en todos sus matices, se debió al resultado de luchas que en muchos casos se circunscribieron a la trayectoria de vida de los deportistas en acciones solitarias pioneras y protagonistas. Con este panorama en la mira, este artículo tiene como objetivo narrar las acciones pioneras y protagonistas en el viaje de la judoca olímpica Soraia André. El instrumento para presentar este viaje es el relato biográfico El Kimono Negro, heurística metodológica que ilumina imágenes literarias inspiradas en la aprehensión de la narrativa autobiográfica del deportista. El relato biográfico presentado en el cuerpo de esta obra ilumina el imaginario constituido en torno a una judoca negra brasileña, quien desafió y transgredió los paradigmas hegemónicos presentes en el deporte, configurando y potenciando el proceso de lucha por la participación y representación de la mujer en el campo deportivo. La escritura en prosa poética también acerca la trayectoria vital del judoca olímpico al imaginario del viaje del mito del héroe.

Palabras-clave: judo; cuentos biográficos; Soraia André; Héroes olímpicos; imaginario.

Rafael Campos Veloso

*Faculdade de Educação
Universidade de São
Paulo, Brasil*

rafaveloso13@hotmail.com

Dhenis Rosina

*Faculdade de Educação
Universidade de São
Paulo, Brasil*

Carlos Rey Perez

*Faculdade de Educação
Universidade de São
Paulo, Brasil*

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v4.id112](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v4.id112)*

Recebido: 27 nov 2020

Aceito: 23 dez 2020

Publicado: 27 dez 2020

Introdução

A participação da mulher no esporte não ocorreu sob concessões daqueles que mantinham o controle institucional e a tentativa de domínio narrativo-simbólico e retórico-científico deste fenômeno. A conquista das mulheres pelo direito de vivenciar o tempo do jogo esportivizado se deu por meio do resultado de pressões e lutas por demandas de inclusão que ocorreram no desabrochar e ao longo de todo o século XX¹. Essas questões ainda estão presentes no mundo contemporâneo devido ao vigor das demandas progressistas da atualidade, marcadas sobretudo por linhas de força de caráter identitário. Tendo esse panorama em vista, este artigo tem como objetivo narrar as ações de pioneirismo e protagonismo na jornada da judoca olímpica Soraia André. O conto biográfico intitulado *O Quimono Preto*, apresentado no corpo deste trabalho, ilumina o imaginário constituído em torno de uma judoca brasileira, negra, que desafiou e transgrediu os paradigmas hegemônicos presentes na modalidade, configurando e potencializando o processo de luta pela participação e representação da mulher no campo esportivo.

Posto o primado de luta das mulheres pelo direito de participação, ressaltamos que não nos deteremos, neste estudo, sobre as condições e fatos em que se deram os arranjos e avanços políticos e, menos ainda, na explanação diacrônica. Do contrário, este se ocupará em apresentar, ou contar, a epopeia de Soraia André César e seu pioneirismo ao praticar judô em alto rendimento, em uma época que a modalidade era proibida para as mulheres no Brasil. A judoca participou das edições dos Jogos Olímpicos de Seul (1988) e Barcelona (1992), quando o judô feminino finalmente configurou no programa olímpico, depois de passar pelo status de ‘modalidade de exibição’ na edição anterior.

Nascida em São Paulo, em 1964, Soraia era filha de um boxeador. Começou a treinar aos 11 anos, na Associação de Judô Imirim, numa época em que não havia competições femininas e por lei, o judô era proibido para as mulheres no Brasil. Em seu primeiro ano de treinamento, foi campeã brasileira, o que lhe rendeu uma vaga para o Campeonato Mundial em 1980. Conquistou a medalha de bronze nos Jogos Pan-Americanos de Caracas, em 1983; ouro em Indianápolis, em 1987; e bronze em Havana, em 1991. No ano seguinte a participação nos Jogos Olímpicos de Barcelona, ao reivindicar o pagamento de verbas pela Confederação Brasileira de Judô, foi excluída da seleção. Como forma de protesto, tingiu seu quimono de preto em sinal de luto e, na

sequência, encerrou sua carreira de atleta. Formou-se em Educação Física (e mais tarde em Psicologia) e passou a trabalhar para a prefeitura de Santo André, ministrando aulas de judô.

Olhar para o esporte olímpico brasileiro a partir das narrativas biográficas dessas mulheres protagonistas, como foi Soraia André, nos possibilita a descoberta de outros sujeitos, que em algum momento foram posicionados nas zonas de sombra ou relegados ao esquecimento. Tendo em vista essa perspectiva, não firmamos o compromisso com a busca de revelar verdades, aos moldes da ciência ortodoxa, mas assumimos uma postura de ‘fissurar o passado’, trazendo à luz as relações humanas e os comportamentos que não obedeceram aos padrões e estereótipos de seu tempo^{2,3}. Para Swain³, o modo de olhar para a realidade aponta para um universo em que a “fissura é a superfície, pois reconhece como construídos os paradigmas de ‘mentalidades hegemônicas’ ou de ‘visões de mundo’, compartilhadas por uma maioria (s.p)”. A autora, baseando-se em proposições foucaultianas, infere que a própria ideia de ‘maioria’ se torna disseminação, aglutinações provisórias e temporais. Para além, por meio dessa abordagem, damos visibilidade a trajetórias particulares que, de alguma forma contribuíram para a entrada e permanência das mulheres no campo esportivo. Ao versarmos o vetor ao íntimo, aos recôncavos biográficos desta heroína, nos posicionamos como investigadores e hermeneutas do campo semântico desse espíritos – nos termos das potências conforme postulou Max Sheler* em reflexões sobre a composição da pessoa humana - que, enquanto microcosmos, refletem nos afetos da narrativa autobiográfica e auto poética, as marcas da cosmogênese da unidade heroica baseada na tríade mulher-atleta-heroína.

Para isso, discorreremos neste estudo a abordagem através do campo dos estudos do imaginário as relações com o fenômeno esportivo, especialmente por uma via interior ao sujeito, cara à esta epistemologia, quando se debruça sobre o arquétipo herói e a figura do atleta, pontuando a força que esse arquétipo expressa na jornada, nos feitos e na constituição da identidade de atleta. Desta maneira, serão discorridos os pressupostos epistemológicos dos estudos do imaginário simbólico a partir da referência Gilbert Durand, que compreende o imaginário como uma instancia de mediação, produção significativa e das relações do indivíduo com o mundo e sua coletividade. Por fim, por meio da heurística metodológica denominada de Conto Biográfico – procedimento de

* Do Eterno no Homem¹⁴.

lapidação literária de uma narrativa autobiográfica apreendida- apresentaremos o produto da hermenêutica simbólica pretendida neste artigo, a saber, o conto O Quimono Preto. Neste estudo, o conto apresentado estabelece a forma de expressão da cartografia do imaginário da atleta olímpica Soraia André por meio da ampliação das imagens poéticas e literárias induzidas por sua narrativa autobiográfica.

Pioneirismo e protagonismo enquanto jornada heroica

Rubio, Veloso e Leão⁴, em investigação acerca da relação entre o atleta e o mito do herói por meio das estruturas do campo do imaginário, junto à sua filosofia e hermenêutica, nos recordam que o atleta se aproxima do mito de herói por ser identificado como um ser raro, um entre milhares. Reconhecidos como aqueles destacados entre os mais fortes, mais velozes e mais habilidosos, capazes de superar todos os obstáculos para chegar à vitória, enfim, o protótipo de seres quase perfeitos, os atletas que alcançam o lugar mais alto do pódio, vivem, quase sempre, uma vida rígida, solitária e, por vezes, monótona, segundo seu próprio ponto de vista. A carreira de um atleta não é fruto apenas de disposição e talento individuais, da afirmação de uma vontade latente ou da determinação em perseguir objetivos. Inúmeros fatores sociais, podem influenciar essa jornada que transforma um aspirante em atleta. O esporte, entendido como um dos maiores fenômenos socioculturais do mundo contemporâneo é terreno fértil para o desenrolar de dramatizações de narrativas míticas consoantes à trajetória do atleta, principalmente quando relacionado ao mito do herói.

Para os autores, na dimensão imaginária (imaterial) do esporte são produzidas metanarrativas. Sobre esses produtos imateriais a mídia narra os eventos esportivos e os feitos extraordinários remetendo-se nesta construção narrativa à personagens, heróis e vilões, reforçando o referencial mítico do herói que tem sido largamente empregado como justificativa de atitudes competitivas. No caso específico das mulheres, as trajetórias de competência e habilidades extraordinárias são, antes de tudo, desdobramentos de suas epopeias que narram a jornada heroica, a princípio sob as intimações do devir, protagonizadas por conquistas e afirmações sobre a estrutura hegemônica no esporte donde são reverberados para a coletividade. É importante reforçar ao leitor que até o momento, as conquistas progressistas voltadas à equidade estrutural, à participação política nas entidades regentes, e à valorização simbólica - axialização ontológica do

jogo[†] (neste caso o jogo configurado como esporte) -, estão longe de atingir o que estas mulheres-atletas considerariam o cenário ideal⁴.

Olhar para essas histórias, registradas por meio das narrativas autobiográficas, onde uma delas é apresentada neste trabalho visando um cartografia do imaginário biográfico, reforça o caráter de protagonismo que pretendemos fazer referência e apontar, por um lado, ao darmos visibilidade aos feitos dessas mulheres e, por outro, quando são elas mesmas quem constrói a narrativa sobre sua jornada e seus feitos. Para além do entendimento de um papel de destaque superficial, o protagonismo passa a ser interpretado como um ato político, presente na dimensão social, definida ao se caracterizar como algo novo, que inaugura outro tempo. Se em primeira instância este protagonismo atende ao devir do desejo, seus desdobramentos são essencialmente políticos, pois, entendemos que a entrada das mulheres em outras esferas da sociedade são atos transgressivos que muitas vezes emergem das sutilezas das relações cotidianas, com ressonâncias no campo esportivo.

A participação da mulher no campo esportivo ilustra esse processo que, mesmo com restrições à sua participação[‡], desafiaram os limites físicos e comprovaram sua capacidade de praticar modalidades esportivas exaustivas, contrariando o discurso médico fundado em diferenças biológicas que determinavam o papel social da mulher⁵. O esporte enquanto espaço historicamente delimitado aos homens, caracterizou-se diacronicamente enquanto prática hegemônica com tendência a silenciar as vozes e memórias subterrâneas[§]. Fonseca⁶, referindo-se à elaboração de Pollack acerca das memórias subterrâneas, nos rememora o seu caráter de trabalho subversivo que, mesmo que submetidas ao silêncio, provocam “intensos ruídos na transmissão oficial dos fatos (p. 198)” ao se concretizarem em expressão. Sendo assim, o protagonismo das mulheres no âmbito esportivo pode se caracterizar, e localizar, no campo dos conflitos sociais das relações de gênero. A discriminação de gênero e a normatividade de papéis sociais, no caso do campo esportivo, podem servir ao interesse de barrar ou limitar as experiências

[†] Homo Ludens¹⁵.

[‡] Na obra ‘Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na revista Educação Physica’, Goellner¹⁶ analisa e apresenta as modalidades esportivas consideradas adequadas e incompatíveis a ‘condição física feminina’ por meio do discurso médico-higienista, que aponta as recomendações em relação aos cuidados com o corpo da mulher.

[§] Pollack¹⁷ utiliza a expressão “memórias subterrâneas” referindo-se à uma parte integrante das culturas minoritárias e dominadas que se compõe em via alternativa e de resistência frente a ‘memória oficial’ no espectro da memória nacional.

das mulheres nesta prática sociocultural que se desenrola desde o fim do século XIX, e na perspectiva ontológica do jogo. As chamadas relações de gênero, se entendidas como construções sociais a partir dos estudos socioculturais, reforçam e legitimam os papéis dos atores sociais como instituições normativas da vida em sociedade.

Na base do discurso da diferença natural entre os sexos encontra-se, por sua vez, o pressuposto da existência de uma hierarquia entre os sexos na qual as mulheres eram consideradas ‘naturalmente’ inferiores e subordinadas aos homens, hierarquia esta que fundamentou as históricas relações de dominação masculina, buscando limitar os âmbitos de atuação da mulher⁷ (p. 141).

A partir dessa postura epistêmica, ressaltamos a necessidade de compreender as relações de gênero no esporte a partir da proposta de Scott⁸, considerando-o uma categoria concreta e contextual, que deve ser examinada como um fenômeno histórico, produzido, reproduzido e transformado em diferentes situações ao longo do tempo. Olhar para o esporte olímpico brasileiro por essa via, nos coloca em contato com fontes até então desconsideradas para a escrita dessa história.

Por isto, a proposta norteadora desse trabalho consiste em cartografias do imaginário, que têm como fonte a narrativa biográfica de mulheres olímpicas brasileiras que protagonizaram ações de pioneirismo, transgressão e resistência frente aos paradigmas hegemônicos, que potencializaram a luta pela participação e representação da mulher no esporte brasileiro. Enfrentamentos que, mesmo que inicialmente direcionados ao microcosmo do devir individual e principalmente do desejo de participação, reverberaram em ações pelo direito a participação, no início do século XX, e ainda ecoa no grito por equidade, representação e legitimidade das novas configurações de gênero que exercem pressão de forma ampla sobre as entidades esportivas.

Das Narrativas Biográficas aos Contos Biográficos: metodologia para uma cartografia do imaginário (auto)biográfico

Antes de enveredarmos na explanação dos conceitos metodológicos e operatórios dos Contos Biográficos, é necessário a pontuação e contextualização epistemológica desta abordagem de investigação. Para Rubio, Veloso e Leão⁴, a pesquisa com imaginários exige mudanças epistemológicas profundas nos modos de investigação. Não

são suficientes os antigos modelos de inquirição fundada em ideias como metodologia científica (dita clássica) que estampa como seus principais elementos a objetividade e a neutralidade, a partir da separação entre sujeito e objeto; a ênfase na necessidade da experimentação e comprovação; e por fim, a generalização e verdade científica absoluta.

Trabalhar pela perspectiva do imaginário durandiano exige o exercício de apreensão de todo um imaginário comum, e patológico, que ecoa e se repete exaustivamente de forma canônica nas valências totais das culturas nos propondo a história, as narrativas míticas, as artes, a etnologia, a linguística e a literatura. Para este trabalho, na intenção de descortinar o imaginário destas atletas, optamos, como sustentação teórica, em recorrer à perspectiva trajetiva do sujeito. A proposta de Durand⁹ apresenta o imaginário como instância de mediação, de produção simbólica, das relações do indivíduo com o mundo e sua coletividade. Nesse sentido o autor sugere um trajeto de retroalimentação entre sujeito e o meio, em todos seus aspectos, onde funda a investigação antropológica do imaginário cunhando o conceito/método do trajeto antropológico do imaginário.

O esporte entendido como um fenômeno sociocultural é ponto axiomático para a nossa análise. Deste ponto tentamos transitar pela multiplicidade de relações, de caminhos polimorfos em relação à sua faculdade de produção e articulação semântica, de um imaginário entendido como bidimensional, contendo uma dimensão de característica arquetipal e, simultaneamente, sociocultural^{10,11}. Dimensões componentes de fenômenos relacionais que desembocam nos chamados imaginários sociais, que, para estudá-los é necessário, antes de mais nada, observar esses fenômenos a partir de outras lógicas e relações. Buscar o “entre” que se esconde nas multiplicidades e, primordialmente, nas complexidades.

Uma metodologia que privilegia as nuances do trajeto de vida do sujeito – no nosso caso a judoca olímpica Soraia André - requer outros tipos de abordagens que permitam compreender o imaginário enquanto fenômeno complexo em rede e em constante transformação, condição que nos levou à aproximação da ideia de cartografias do imaginário obtidas pela apreensão das Narrativas Biográficas.

As Narrativas Biográficas, como proposto por Rubio¹², “são entendidas como discursos individuais que oferecem uma compreensão do sujeito que narra, do mundo e das próprias experiências acumuladas na trajetória da existência (p. 115)”. Impelidas pelo

ato de narrar, a pessoa expressa em sua narrativa, uma história única e singular, sua intensidade e o fluxo de lembranças marcam a expressão original de quem narra, livremente, os episódios que considera marcantes em sua trajetória¹³. Ao escolher esse caminho para compreender e interpretar as narrativas autobiográficas cedidas pelos atletas olímpicos brasileiros, a atenção se volta para os trabalhos da memória, para os caminhos que escolheu para construir e reconstruir suas lembranças. Por construir, entende-se, “a expressão verbalizada de um fato ressignificado pelo narrador, posto que se refere a algo já ocorrido e presentemente revivido por meio da fala, [que] ganha nova forma tanto descritiva quanto afetiva (p. 236)”¹². Na narração os aspectos sensíveis ou instintivos com a variação comum a quem conta, diz respeito aos ajustes do indivíduo na sociedade.

Nesse processo, a confiabilidade da fonte está na fala do sujeito, que é considerada em sua plenitude. O que se considera é, o que o narrador conta e como ele conta, na intenção de compreender os significados atribuídos a sua vivência¹³. A realidade ganha seu contorno subjetivo, pois, torna-se uma projeção da experiência vivida como real. Desse ponto de vista, o trato com a narrativa vai além de verdades universais; a narrativa nos oferece versões dos fatos, por isso, sugere verdades parciais, individuais ou momentâneas, afirmadas na intensidade da emoção a que a imagem narrada remete ao narrador.

Voltando às cartografias, Rubio, Veloso e Leão⁴ entendem que a cartografia é uma forma de olhar processual, aberta às complexidades, às incertezas e à natureza em permanente mutação que os universos das narrativas míticas estabelecem com as redes de produção de conhecimento e cultura. Vale ressaltar que a partir deste conceito operatório reconhecemos no estruturante das narrativas biográficas, características edificadoras de autopoiesis, expressadas na forma de uma espécie de mitopoética autobiográfica. Portanto, partindo dessa premissa, entendemos que um método que construa cartografias do imaginário, atenda a propostas de investigação que compreendem os imaginários em suas dinâmicas fluidas e multidimensionais.

Ainda, para o objetivo deste trabalho, se fez necessário elencar um modelo de expressão das imagens destacadas pelo olhar processualmente cartográfico, ‘caçadas’ na narração autobiográfica. Tal modelo se efetivou na confecção de um conto biográfico que narra a jornada de vida da atleta olímpica mencionada neste estudo, por meio do processo

de hermenêutica entre o atleta e o mito do herói - avançando para formas processuais de olhar que levam em conta as complexidades oriundas de posições epistemológicas diversas.

A forma do conto biográfico é uma pequena narrativa textual que canta a jornada de Soraia André com todo seu aspecto crepuscular, e como uma proposta aberta e repleta de riscos de desvios. Portanto, O objetivo maior do modelo heurístico dos contos biográficos é a amplificação dos símbolos e imagens ecoados entre a narrativa biográfica e o hermeneuta, principalmente, roteirizados em coautoria, desejando a maior aderência possível à vida interior deste narrador e sua trajetória de vida.

É possível afirmar que apesar dos contos biográficos se municiarem de dados demográficos da vida e da carreira dos atletas, nos afastamos do âmbito puramente analítico e tendencioso ao racionalismo instrumental. Trata-se da tentativa de uma forma de interpretação que se eleve à complexidade e supere as formas mais comuns de biografias que se valem do encadeamento linear de dados mortos. Da busca por uma forma de expressão que verse, em prioridade, sobre o conhecimento da intimidade do outro e a localização de seus espaços na nossa própria intimidade. Forma que se faz revelar no texto todo o esforço da tarefa do hermeneuta, não escondendo sua interpretação e compreensão do mundo, assumindo a parcialidade e aumentando a proliferação do testemunho das experiências, tornando a leitura do fenômeno potencialmente mais complexa, portanto, mais rica.

Assim, entendemos a cartografia do imaginário e seu texto de apresentação [o conto biográfico], enquanto produtos de interação, de uma hermenêutica ampliada**, donde se estabelece uma dialética dos afetos, como processos de coautoria. Narrador e pesquisador, cada qual ao seu dever voltados ao autopoietico e ao operacional, defronte à forças das relações semânticas do instante do encontro, edificam o produto final que, longe de representar a totalidade de qualquer dimensão do sujeito, possibilita a busca de algo ainda mais precioso, a expressão da dramatização dos afetos de sua alma em experiências e jornadas sobre tempos que, apesar da possibilidade de pontuação ou lembrança cronológica, são imemoriais.

Apresentaremos em sequência o conto biográfico O Quimono Preto, como o produto da narrativa autobiográfica concedida por Soraia André, submetida aos termos

** Expressão referente à ação hermenêutica assumida em Paul Ricoeur¹¹.

conceituais aos quais citamos nas linhas anteriores, que entendemos constituir uma forma de cartografia do imaginário biográfico.

O Quimono Preto

No mundo de cá, o anoitecer do corpo leva-o, geralmente cortejado pelos afetos maiores, ao ritual fúnebre. O ritual abre fissura transcendente entre os tempos dos que andam por cá e dos que por lá sabe-se que habitam. No tempo ritualístico é mobilizado toda a sorte de trabalhador. Do lado de cá, braços que suportam peso, e bocas que cantam ladainhas no vertedouro das lágrimas conduzem o cortejo. Do lado de lá, a depender da descendência d'alma e da recompensa deixada, são convocados seres dotados de habilidades de transporte dos corpos em transcendência, como barqueiros e espíritos alados. Porém, noutra ritual o espanto rompeu a harmonia desta legislação cósmica. O morto, que é mulher, judoca, ostentando como mortalha o negrume proibido no quimono, subiu no tatame sob o absoluto silêncio e, recusando os seres divinos, assumiu o domínio e protagonismo do próprio tempo de transcendência. Presentes no cortejo, os atletas que participavam daquela seletiva na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1993, pelo medo e absurdo, se recusaram a aproximar do quimono negro, pois, é sabido que no mundo de cá, os mortos não andam sobre a terra, menos ainda, sobre os tatames.

Soraia André, menina negra e filha de um boxeador, deleitava a infância com música, poesia, e o gosto por fazer rimas. Ocupações corriqueiras desta criança nascida em São Paulo no ano de 1964. Aos onze anos de idade, ainda sob a força destes interesses, desejou um gravador, e a forma que utilizou para o expressar foi rimar este substantivo com judô. Gravador e judô, apesar de encontrar rima apenas coloquialmente, parece ter estabelecido uma região fronteira, ou de fusão de desejos, que fez com que o pai a levasse para a Associação Judô Imirim, no bairro Imirim situado na Zona Norte da cidade.

Nesse período [1976] “tinha até aquela lei, não sei o número, você dê certo já até pesquisou isso, eu não sei o número, mas era por decreto isso, era proibido (comunicação pessoal)” que mulheres participassem competitivamente do judô. Ao adentrar o tatame da Associação o estranhamento do mundo se descortina para a menina que, tomada pela visão do espaço dominado por homens de origem oriental, tem seu desejo e presença questionados – “você quer fazer o quê?” – respondendo com vigor e a coragem comum as crianças – “eu quero fazer judô (comunicação pessoal)”. Antes que desse por si, este

enfrentamento marcava o devir da jornada da heroína. Iniciação em tenra idade à um mundo que nunca imaginou existir e menos ainda sabia o que encontraria e enfrentaria no trajeto. Na academia da Associação havia ainda outras doze mulheres que, cada qual por diferentes motivos como parentesco e pertencimento étnico, realizavam o treinamento de judô de uma forma não ‘séria’. O espaço destinado para estas mulheres na academia de judô, agora treze, era de torcedoras dos judocas masculinos em competições “nem imaginávamos que um dia ia ser, que esse decreto ia cair por terra, que ia acontecer. Mas foi acontecendo, né!?” (comunicação pessoal). O devir da jornada não exige do herói consciência ou respostas sobre o trajeto a seguir, mas que esteja preparado no tempo ideal da partida e separação.

Desde a partida da nau infante para jornada são estabelecidas transgressões de um mundo fronteiro. Criança-mulher que necessitou amadurecer para conquistar o território de luta, dominado por homens oriundos de cultura tradicionalmente conservadora, e proibido por suas leis. Mulher negra, reproduzindo o enfrentamento de diversas esferas sociais pelo direito de presença e participação efetiva em espaços de domínio hegemônico. Soraia André carrega o espírito dos heróis noturnos na fusão de territórios para luta. Mais que uma ação diátrica, sua alma é morfoseada na fusão da habilidade de mundos distintos. Com a habilidade forjada no tempo do tatame da Associação Judô Imirim, o corpo feminino e negro, é deformado aos admirados olhos hegemônicos e verticais. Soraia André torna-se para estes olhos um corpo de difícil delimitação, fronteiro, a ‘Japonegra’.

Logo após o fim do decreto que proibia o judô para mulheres no Brasil, em seu primeiro ano de treinamento, foi campeã brasileira, o que lhe rendeu uma vaga para o Campeonato Mundial em 1980. Conquistou a medalha de bronze nos Jogos Pan-Americanos de Caracas, em 1983; ouro em Indianápolis, em 1987; e bronze em Havana, em 1991. Quando finalmente, nos Jogos Olímpicos de Seul em 1988 o judô feminino estreou no programa olímpico como modalidade de exibição, aquele corpo negro e feminino, preparado por mais de uma década de transgressões e no pronto enquanto atleta no tempo certo, alcança a chance de uma participação olímpica.

No instante em que seus pés descalços tocaram o tatame olímpico, Soraia André foi presente em um espaço do qual se desenrola o tempo do jogo, onde nenhuma outra mulher brasileira estivera antes. Se a criança de antes, aquela que apenas queria ouvir a

própria voz no gravador nunca imaginou esta culminância, possivelmente sempre a desejou, lutou, e esteve pronta para assumir o lugar de pioneirismo e o espaço de protagonismo.

Impreterivelmente, o desejo maior do atleta olímpico é a vitória dentro do jogo. Entretanto, a jornada destes heróis até a participação olímpica pode deslocar esta compreensão diurna de vitória. Nesta perspectiva, não figurar no pódio, o ritual de afirmação e celebração dos vencedores, esvazia-se de uma significação superficial relacionada ao fracasso para se substantificar na interiorização de valores relacionados à excelência onde o melhor de si foi entregue e aquele pódio é apenas a figuração que os limites máximos de habilidades foram atingidos no jogo. Alcançar tal condição presente ao nível imaginário parece decorrer das experiências mais dolorosas da consciência de limitações e da mortalidade do corpo-atleta. A quinta colocação atingida por Soraia André nos Jogos Olímpicos de Seul preencheu a judoca da dor terrível da finitude ausente do horizonte de um feito para a permanência e transcendência.

“Então, a vida quase virou morte! (comunicação pessoal)”, depois da derrota da última luta e da perspectiva de que para aquele corpo não haveria mais o tempo da luta que o anima. Sem sua anima Soraia André era um corpo vagando pela duração de noite na Vila Olímpica, caindo abismalmente em formas suicidas. O enfrentamento dos demônios da noite olímpica foi solitário, e assim deveria ser. Os demais presentes da delegação estavam ocupados com aqueles atletas que ainda poderiam figurar na celebração do vitorioso.

O fim de um ciclo olímpico marca também o rito de renovação, tempo cíclico que permite um novo espaço para viver o jogo tanto para aqueles já experimentados na mortalidade, quanto para os corpos neófitos. Para a judoca este tempo galopou firme e adiante no sentido da afirmação da finitude. O quadriênio do ciclo olímpico seguinte, rumo os Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992, foi proveitoso em termos de preparação e, principalmente, do processo de acolhimento das quedas anteriores. Trajetos de interiorização moldavam neste momento o caráter noturno da heroína em formas eufemizadas da noite e da escuridão abismal.

A vivência nos Jogos Olímpicos de Barcelona marcou, para Soraia André, o cenário donde se desenrolou o retorno do enfrentamento fruto da constatação do avanço dos limites do corpo atlético e habilidoso, principalmente, da aproximação da finitude

indelével deste tempo. Em Barcelona o tempo do jogo olímpico apresentou-se de forma derradeira para a judoca. Seus braços tiveram ainda algum tempo para o deleite do jogo até encontrar o corpo oposto e adversário da estadunidense que habilmente encerrou a luta em vitória. Já a primeira luta! Apanhada em nova queda, a noite retorna, desta vez na Vila Olímpica de Barcelona, trazendo a tiracolo, ao menos ao nível imaginário o tempo derradeiro. “Soraia André pela Vila Olímpica, de Barcelona, andando... Agora é tua vez de se matar mesmo. Agora é tua vez. E... não consegui e nem tentei, né, contra a minha vida, pelo menos objetivamente não (comunicação pessoal)”.

Dois ciclos olímpicos são regiões temporais que compreenderam o espaço de morfologia noturna para esta atleta. Neste momento, digladiar contra a finitude aos modos dos heróis solares e dos pódios cerimoniais, assume outro tipo de roteiro e postura que dinamiza a nucleação de imagens não mais no sentido do enfrentamento, mas do acolhimento e harmonização. “Então, hoje eu lido muito bem. Aliás, eu descobri que a vida é só derrota. (...) Eu descobri isso depois de um tempo. (...) eu aprendi lidar com ela, com a derrota, depois de ter quase perdido a minha própria vida (comunicação pessoal)”. Logo após a experiência olímpica em Barcelona, a heroína marcada pela noite, permaneceu no trajeto de protagonismo e contestação da hegemonia estrutural de que se configurou a matéria principal de sua jornada enquanto atleta.

Por motivos políticos, relacionados a contestações sobre a utilização e desaparecimento de verbas por parte da instituição administradora da seleção brasileira de judô, é cortada desta seleção sob a justificativa de idade excedente. Espécie de golpe burocrático que a privaria derradeiramente da vida plena do tempo do jogo sob o quimono brasileiro. Expressou aos dirigentes que era a única capaz de conduzir a própria jornada nas formas de demonstração de ciência de todos os desmandos administrativos. Das esferas de poder que servem aos interesses daqueles que criam as leis, recebeu em janeiro de 1993 o comunicado da Confederação Brasileira de Judô reforçando, com certa altivez e picardia semântica, que mulheres acima de vinte e oito anos não poderiam mais participar de seletivas

É momento de preparação da procissão fúnebre. Não haverá mais o tempo da dança agonística deste corpo das limitado, mas pleno no desejo do movimento e da vitória. No cortejo dos heróis a dramatização da jornada narra sua permanência aos mortais presentes no ritual. Enquanto Soraia André se precipita a caminhar sobre um vale

da morte particular na sua última participação em seletivas, o quimono e a noite fundem-se na matéria imaginante do devaneio para assumir a identidade do corpo. Sua mãe, de resignação incrédula, foi quem a ajudou a tingir com o negrume a superfície áspera do quimono. O movimento do quimono proibido no tatame daquela seletiva abriu fissura de simultaneidade, deformação e fusão, entre os tempos vividos no ritual fúnebre e na plenitude do espírito que joga.

Quando a heroína retornou da jornada ao acolhimento do lar, agora mestra e tutora das almas pelos caminhos suaves do judô, pode enfim vislumbrar o tempo sagrado de suas vitórias que, se não aquelas das luminosidades dos pódios e das medalhas olímpicas, é a trilha marcada a pegadas firmes donde mais tarde puderam passar outras mulheres judocas brasileiras vitoriosas como as medalhistas olímpicas Ketleyn Quadros (bronze - Pequim 2008); Mayra Aguiar (bronze - Londres 2012 e Rio de Janeiro em 2016); e a campeã olímpica Rafaela Silva, ouro nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. São assim os heróis da noite, edificam trajetos rodeados de silêncio e longe da exposição das paisagens mais luminosas, como alquimistas que transmutam matérias no isolamento do interior dos porões. Já o retorno da aventura possibilita o deleite transcendente da consciência dos efeitos executados

Hoje eu tenho o número (do decreto que proibia o judô competitivo para as mulheres) [...] na época, eu não tinha consciência de nada. Hoje eu sei da história, eu nem sabia dessa lei. [...]. Mas eu tinha doze anos, você acha que eu ia saber o momento histórico-político-social que o Brasil passa? Com doze anos eu tô aprendendo judô, tal, e aí, depois de dezesseis, enfim, eu vou sair da comunidade direto pros Estados Unidos (comunicação pessoal).

Soraia André, aquém de consciência prévia, esteve pronta quando ecoou o devir da jornada heroica, e por ela precipitou-se sem hesitar.

A duração do quimono negro significou o tempo da aventura e das provações relacionadas à condição de mulher e, mais ainda, de representação proibida. E as pedras deste caminho se avolumaram em montanhas mais altas que qualquer pódio. Em momentos de preparação, adversários masculinos não estiveram dispostos à dialética agonística do jogo. Em embate de habilidades, deixavam os braços e a espinha amolecerem para perder as bases, como gigantes sustentados por barro, pois assim deveriam agir parente a fragilidade da alma feminina, ou avançavam com brutalidade e

vilania sobre aquela que deveria ser destruída. Do lado de fora do tatame passou pela provação da escassez de recursos, lugar comum de homens e mulheres que se aventuram no esporte, era preterida no momento de distribuição do que era propriamente escasso.

O corpo, de matérias e vestes negras, assumiu fluidamente através do movimento e do trajeto, morfoses andróginas aos níveis imaginário e estético, que tenderam a confusão das polaridades de gênero. Fundir a matéria, tornar as margens e fronteiras uma região nublada foi a marca do caminho da judoca enquanto atleta. Já em sua cosmogênese, ao imaginário desta comunidade o *ethos* do corpo negro encontrou certo ponto de fusão à tradição japonesa, e assim se desdobrou por toda a aventura, em anastomoses diversas entre o corpo, a estética e a matéria. A criança que desejou um gravador e rimou, enfrentou, junto ao pai entendedor de rimas, o temor da mãe de que seu corpo se transmutasse à aparência masculina. Quando se desenvolveu, buscou na contradição a afirmação de uma identidade de imagem corporal, deixando que brincos ornassem os lóbulos das orelhas no intuito de destaque sobre os cabelos muito curtos. Aos outros olhos a ‘mulher musculosa’, e o ‘homem de brincos’, harmonizavam-se no espaço noturno da heroína, espaço da contradição e da síntese, marcas maiores do imaginário biográfico de Soraia André.

A condição de mulher e negra no esporte imprimiu-lhe ainda a vivência de situações relacionadas à pregnância do imaginário estereotipado relacionado ao feminino, até mesmo nos momentos corriqueiros e triviais de entrevistas jornalísticas. Quando os microfones se direcionavam à judoca, era comum deixar de lado os temas relacionados ao desempenho da atleta nos tatames para dar lugar à avidez por revelações novelescas de futricas sentimentais, ou por curiosidades escatológicas. Certa vez, um destes microfones ergueu-se em curiosidade desejando saber se a judoca era possuidora de um útero. Ainda, fora do alcance das lentes e dos microfones, havia a especulação sorrateira empenhada sobre a imaginação de um corpo de morfose andrógina. Ventilava-se, sempre à covardia dos cantos e do anonimato, que a judoca mantinha relacionamentos homoafetivos com alguma ou outra amiga.

Soraia André tem na transmutação da matéria imaginária a marca maior da jornada heroica. A trajetória enquanto atleta foi local nublado para a própria observação e delimitação de margens identitárias. Em transmutação produziu no caminho anastomoses entre o corpo e as tradições estéticas, o espírito e o quimono, a mortalha e a luta. No

tempo derradeiro do jogo o calor do corpo sublimou a pele com vigor e sua cor tomou toda a matéria do quimono.

Do acolhimento da morte do tempo de atleta, procurou se reter calmamente diante do espelho onde, em oposição às motivações de Narciso no desejo de contemplação da beleza maior e certa, pode descobrir ao mirar a superfície refletida, a textura e os relevos dos rostos de seus ancestrais. Descobriu seus cabelos, que pela constituição transmutada da estética da ‘Japonegra’, eram alisados principalmente para se esquivar da curiosidade e do desejo dos outros de os tocar. Doía muito! Mais que o retesamento dos fios agarrados desesperadamente até raiz para evitar o escalpo, a dor dos cabelos crespos agarrados pela curiosidade ou alisados para uma morfose oriental, ecoava na intimidade e na identidade do espírito. Diante do espelho, no silêncio do sepulcro, o reflexo foi depurado. A ‘Japonegra’ não se formava frente aos olhos, apenas a Negra, a “negona” que sempre desejou e buscou. Ao nariz achatado e de narinas largas pode sentir inflar o corpo d’alma e levar até os beiços pronunciados e grandes, o sopro quente do bantu ancestral materializado na palavra o desejo ubuntu, que significa humanidade e solidariedade para todos. Soraia André, no trajeto de sua salvação morreu para permanecer, transmutou-se em negro quimono. De antes, estado nublado da identidade, no presente, vigorosa e mestre de si cruzou o atlântico até a África para ter com os seus. Maestra dos movimentos dos corpos na arte japonesa do ‘caminho suave’, desejou tingir as almas de crianças angolanas com o negrume de seu quimono. Ubuntu!

Considerações Finais

A cartografia do imaginário da judoca olímpica brasileira Soraia André, apresentada por meio do conto biográfico *O Quimono Negro*, teve a finalidade de narrar e expressar, em plano primário, o roteiro do qual se desenrolou as dramatizações do percurso da judoca até (e após) alcançar a participação olímpica. Trajeto que entendemos compreender uma jornada heroica, não como uma metáfora vazia de retórica, mas pela ação hermenêutica ampliada sobre sua narrativa que, concedida nos moldes de uma narrativa biográfica, nos possibilitou através das contribuições do campo dos estudos do imaginário, principalmente a partir das estruturas figurativas e da arquetipologia de Gilbert Durand, identificar e realçar através da cartografia mitos diretores, mitemas e arquétipos relacionados ao herói e ao feminino.

Ainda sobre o conteúdo do conto biográfico apresentado, reforçamos que esta forma de produção literária e poética leva em consideração a inserção, dinâmica e transformação desta atleta olímpica. Biografia poética que, apesar de se debruçar sobre a trajetória de vida da judoca, também revela em segundo plano elementos frente estruturais pelos quais foi exposto o esporte olímpico no decorrer do século XX como, por exemplo, a espetacularização, a transformação em atividade profissional que modificou antigos princípios como o do amadorismo, as ações de disputa de poder e a transformação do corpo e do atleta em mercadoria.

As imagens presentes na cartografia do imaginário da judoca, elaboradas a partir das ações de narração autobiográfica sobre o substrato da memória de sua trajetória no esporte, apontam enxames de semântica noturna. A este dinamismo das imagens, Durand⁹ classificou regime noturno das imagens. Esta nucleação de imagens roteiriza a dinâmica e postura de um imaginário frente a consciência da mortalidade. A jornada heroica de Soraia André nos apresenta imagens em ações de protagonismo - que tangencia as esferas da participação feminina no esporte, da trajetória pessoal e da política institucional - que acabam por revelar determinadas posturas frente a consciência da mortalidade. Imagens que se encadeiam no instante da narrativa e inflexionaram os principais feitos ao campo semântico do regime noturno, implicando a criação de um ambiente crepuscular no conto biográfico [O Quimono Negro] que narra sua trajetória de vida. Soraia André, atleta olímpica, mulher negra, através da voz das imagens que cantam sua jornada e seus feitos, pode transcender semanticamente de voz do subterrâneo da memória coletiva do esporte, para uma heroína olímpica brasileira.

Referências

- 1 Rubio K, Veloso RC. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. *Revista USP*. 2019;(122):49–62.
- 2 Goellner SV. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*. 2007;13(2):171–96.
- 3 Swain TN. Intertextualidade: perspectivas feministas e foucaultianas. *Revista Labrys*. 2004;4.
- 4 Rubio K, Veloso RC, Leão L. Between solar and lunar hero: a cartographic study of Brazilian Olympic athletes in the social imaginary. *Imago: A Journal of Social Imaginary*. 2018;(11):147–62.
- 5 Rosina D. As mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos de 1968 no México. *Olimpianos - Journal of Olympic Studies*. 2017;1(2):172–86.

- 6 Fonseca MNS. Costurando uma colcha de memórias. In: Evaristo C, editor. *Becos da Memória*. 1a. Rio de Janeiro: Pallas; 2017.
- 7 Franco SMS. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC; 2008.
- 8 Scott JW. Prefácio a *gender and politics of history*. *Cadernos Pagu*, Campinas: Unicamp. 1994;3:11–27.
- 9 Durand G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: WMF Martins Fontes; 2012.
- 10 Wunenburger J-J, Araújo AF. *Educação e imaginário: introdução a uma filosofia do imaginário educacional*. São Paulo: Cortez; 2006.
- 11 Wunenburger J-J. *O imaginário*. São Paulo: Edições Loyola; 2007.
- 12 Rubio K. Memórias e narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiros. In: Rubio K, editor. *Preservação da memória: A responsabilidade social dos Jogos Olímpicos*. São Paulo: Képos, Editora Laços; 2014.
- 13 Rosina D. *Entre narrativas, fragmentos e estilhas: construções de atletas brasileiros sobre os Jogos Olímpicos do México de 1968 [tese]*. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte - Universidade de São Paulo; 2018.
- 14 Sheler M. *Do Eterno no homem*. Rio de Janeiro: Editora Vozes; 2015.
- 15 Huizinga J. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva; 2014.
- 16 Goellner SV. *Bela, Maternal e feminina: imagens da mulher na Revista de Educação Physica*. Ijuí: Editora Unijuí; 2003.
- 17 Pollak M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. 1989;2(n. 3):3–15.